

DURKHEIM E BOURDIEU: A BASE COMUM E SUAS FISSURAS

Loïc J. D. Wacquant

Tradução do francês: Cibele Saliba Rizek

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre o que o autor denomina "escola francesa de sociologia", tomando como eixo quatro princípios — a defesa do racionalismo, a unidade das ciências sociais, a recusa da "teoria pura" e o uso da etnografia — que perpassam a fundação durkheimiana da sociologia e a produção contemporânea de Bourdieu. A partir de sua grande afinidade com a obra deste, o autor oferece uma leitura que se opõe às interpretações menos avisadas e às formas de apropriação simplificadoras sobre a sua produção, cuja contribuição adquiriu destaque no debate sociológico contemporâneo.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Émile Durkheim; escola francesa de sociologia; racionalismo.

SUMMARY

This article discusses the so-called "French sociological school", focusing on four principles that cut through both Durkheim's sociological foundations as well as Bourdieu's contemporary output: a defense of rationalism, the unity of the social sciences, the refusal of "pure theory", and the use of ethnography. Based on his close relationship with Bourdieu and his work, the author introduces a reading that is quite distinct from less informed interpretations, as well as from the oversimplified forms of appropriation of his thought, which has achieved considerable status in the contemporary sociological debate.

Keywords: Pierre Bourdieu; Émile Durkheim; French sociology; rationalism.

Na impossibilidade de estabelecer uma comparação sistemática da sociologia de Bourdieu com o pensamento de Durkheim, o que exigiria uma monografia histórico-analítica capaz de reconstruir o duplo encadeamento, social e conceptual, das causalidades emaranhadas que os vinculam um ao outro e aos seus respectivos meios, pretende-se aqui, por algumas sondagens seletivas, destacar quatro dos pilares que sustentam sua base comum: a adesão ferrenha ao racionalismo, a recusa da teoria pura e a defesa obstinada da indivisão da ciência social, a relação com a dimensão e a disciplina históricas, enfim, o recurso à etnologia como dispositivo privilegiado de "experimentação indireta".

Tal exercício — a respeito do qual se está consciente de que é possível facilmente tomar um caminho escolar e cair em duas armadilhas igualmente redutoras, uma que consiste em *deduzir* mecanicamente Bourdieu a partir

Publicado originalmente em *Critique*, nº 579/580, agosto-setembro de 1995, com o título "Durkheim et Bourdieu: Le socle commun et ses fissures".

de Durkheim, de modo a limitá-lo à posição de um avatar, e a outra, em *retroprojetar* as teses caras ao primeiro na obra do segundo a fim de lhes atestar nobreza intelectual — objetiva enfatizar alguns dos traços distintivos desta escola francesa de sociologia que perdura e se enriquece apesar de metamorfoses às vezes inesperadas.

Longe de tentar remeter a sociologia de Bourdieu a uma simples variação sobre a partitura durkheimiana¹, pretende-se sugerir que, apoiando-se firmemente sobre estes princípios-pilares, Bourdieu imprime a cada um deles uma torção particular que lhes permite, ao fim e ao cabo, suportar um edifício científico dotado de uma arquitetura original, ao mesmo tempo estreitamente próxima e fortemente diferente da casa materna durkheimiana. Dito de outra forma, Pierre Bourdieu é um herdeiro que — ao contrário de Marcel Mauss, por exemplo — pôde e soube, tal como um judoca intelectual, servir-se do peso do capital científico acumulado por Durkheim para se projetar além de seu nobre predecessor.

(1) Bourdieu teve precauções contra este "funcionamento classificatório do pensamento acadêmico" (*Choses dites*. Paris: Minuit, 1987, p. 38) que se inclina a manipular as etiquetas teóricas como tantas outras armas do terrorismo intelectual ("X é um durkheimiano", pode-se escutar "X é somente um durkheimiano vulgar" ou ainda "X está completamente contido em Durkheim"). A mesma advertência valeria para as relações entre Bourdieu e Marx, Weber, Husserl, Merleau-Ponty ou Wittgenstein.

Passio sciendi, ou a fé racionalista em ação

Em primeiro lugar, Bourdieu compartilha com Durkheim uma filosofia racionalista do conhecimento como aplicação metódica da razão e da observação empírica ao reino social, aplicação esta que exige, de um lado, em todos os momentos, uma suspeita em relação ao pensamento comum e às ilusões que este engendra continuamente e, de outro, um esforço ininterrupto de (des/re)construção analítica única capaz de extrair do abundante emaranhado do real as "causas internas e as forças impessoais ocultas que movem os indivíduos e as coletividades"². Poder-se-ia avançar até o ponto de dizer que os nossos dois autores alimentam uma mesma *paixão científica*, no sentido da fé na ciência e amor irrefreável a ela, seu valor e sua missão social, que exprimem com um vigor que é tanto maior quanto mais fortemente são contestados.

(2) Durkheim, Émile. "Sociology". In: Wolf, K. H. (ed.). *Émile Durkheim: Essays on sociology and Philosophy*. New York: Harper, 1964, p. 373.

Recorde-se que o objetivo declarado de Durkheim, desde a origem de seus trabalhos, é "estender à conduta humana o racionalismo científico" que tinha sido posto à prova na exploração do mundo natural. "O que chamamos de nosso positivismo", insiste na longa réplica às críticas que abre a segunda edição d'*As regras do método sociológico*, "é somente uma consequência deste racionalismo"³. Do mesmo modo, Bourdieu reforça a unidade do método científico e a pertinência da sociologia à grande família das ciências:

(3) Durkheim, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF, 1895/1981, p. IX.

Como toda ciência, a sociologia aceita o princípio do determinismo, entendido como uma forma do princípio da razão suficiente. A ciência, que deve exprimir a razão daquilo que é, postula, por isso mesmo, que nada é sem razão de ser. O sociólogo acrescenta social: sem razão de ser propriamente social⁴.

(4) Bourdieu, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Minuit, 1980, p. 44.

A "convicção absoluta" que atribui a Flaubert na tarefa do escritor o próprio Bourdieu a detém na tarefa de sociólogo. Ao contrário de muitos de seus contemporâneos envolvidos com armas e bagagens no campo "pós-moderno" da demissão (isto é, do desprezo) da razão, a que a moda internacional recentemente reviveu a partir desta especialidade bastante francesa que é a exportação de conceitos assinados, Bourdieu permaneceu fiel ao "partido da ciência, que é mais do que nunca o do *Aufklärung*, da desmistificação"⁵.

Essa fé racionalista que Durkheim e Bourdieu carregam vai além da predileção nacional pelas "idéias distintas" herdada de Descartes, de seus mestres em filosofia e de sua imersão precoce na atmosfera neokantiana que envolveu sua juventude intelectual. É pelo contato com Émile Boutroux, que o inicia em Comte, com Charles Renouvier, que ele considera o "maior racionalista do nosso tempo", e com seu colega de Bordeaux vinculado à epistemologia, Octave Hamelin (o qual qualificava lindamente como um "amante austero da boa razão"), que Durkheim é conduzido a inscrever sua reflexão na filiação kantiana. Quanto a Bourdieu, seu racionalismo se enraíza na frequência assídua a esta "filosofia do conceito" (associada aos nomes de Georges Canguilhem e Gaston Bachelard, dos quais foi aluno), que oferece um refúgio e um recurso contra a "filosofia do sujeito" que reina sobre o campo intelectual francês durante os anos de seu aprendizado, mas também na tradição alemã da filosofia das "formas simbólicas" encarnada por Ernst Cassirer (cujas obras principais ele fará traduzir pelas Éditions de Minuit e cuja afinidade com a teoria durkheimiana ele perceberá muito precocemente)⁶. E se ambos são, com quase um século de intervalo, profundamente marcados pelo kantismo, isto quer dizer que, como Durkheim apontou na volta de uma viagem de estudos para além do Reno, "de todas as filosofias que a Alemanha produziu [é] esta que, interpretada sabiamente, pode ainda se conciliar melhor com as exigências da ciência"⁷.

Pois o "racionalismo empírico" sem concessões que impulsiona as sociologias de Durkheim e Bourdieu se desenvolve e se afirma na prática científica mais do que por meio de profissões de fé epistemológicas — embora ambos tenham elaborado, na juventude, manifestos de caráter metodológico. É mediante as "*actes de la recherche en sciences sociales*"⁸ — para retomar o título, que não é inocente, da revista fundada por Bourdieu em 1975 — que seus postulados se afirmam e se comprovam. O mesmo se dá com a noção de "não-transparência" do mundo social e a prioridade atribuída à problematização da aceitação ordinária do mundo social: "a ciência rigorosa supõe rupturas decisivas com as evidências" e, por consequência, não deve ter medo de "melindrar o senso comum"⁹.

Mas enquanto Durkheim se contenta em fazer tábula rasa das *praenotiones vulgares* que são obstáculo à sociologia, Bourdieu resolve reintegrá-las em uma concepção ampliada de objetividade que atribui às categorias e às competências práticas dos agentes um papel mediador decisivo entre "o sistema de regularidades objetivas" e o espaço "dos comportamentos observáveis". "O momento do objetivismo sistemático,

(5) Bourdieu, Pierre. *Leçon sur la leçon*. Paris: Minuit, 1982, p. 32. Sobre este ponto ver também, do autor, *Raisons pratiques* (Paris: Seuil, 1994, especialmente caps. 3 e 7) e a comunicação intitulada "La cause de la science", com a qual Bourdieu abre o número de *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* consagrado à "História social das ciências sociais" (nº 106-107, março de 1995, pp. 3-10).

(6) Cf. Bourdieu, Pierre. "Sur le pouvoir symbolique". *Annales ESC*, 32(3), 1977, p. 405-411; *Choses dites*, loc. cit., pp. 13-15 e 53-54; Bourdieu, Pierre e Passeron, J.-C. "Sociology and philosophy in France since 1945; Death and resurrection of a Philosophy without subject". *Social Research*, 34(1), 1968, pp. 162-212.

(7) Durkheim, Émile. "L'enseignement de la philosophie dans les universités allemandes". *Revue Internationale de l'Enseignement*, nº 13, 1887, p. 330. Para uma interpretação do pensamento durkheimiano como "kantismo sociologizado", ver: Lacapra, D. *Émile Durkheim, sociologist and philosopher*. Ithaca: Cornell University Press, 1972. Para uma leitura kantiana de Bourdieu, ver: Harrison, P. R. "Bourdieu and the possibility of a postmodern sociology". *Thesis Eleven*, nº 35, 1993, pp. 36-50.

(8) "Atas de pesquisa em ciências sociais" (N. T.).

(9) A primeira citação é de Bourdieu (*Leçon sur la leçon*, loc. cit., p. 29) e a segunda de Durkheim (*Le suicide, étude de sociologie*, Paris: PUF, 1897/1930, p. 349).

momento inevitável mas ainda abstrato, exige sua própria superação"¹⁰, sem a qual a sociologia está destinada a se chocar contra os rochedos do realismo da estrutura ou a encalhar em explicações mecanicistas incapazes de perceber a lógica prática que governa as condutas. E é contra a tradição neokantiana e sua visão do sujeito transcendental do pensamento que Bourdieu (re)introduz o conceito de *habitus*, a fim de restituir ao corpo socializado sua função de operador ativo na construção do real.

(10) Bourdieu Pierre e outros. *Un art moyen*. Paris: Minuit, 1965, p. 22; igualmente sobre este ponto: "The three forms of theoretical knowledge", *Social Science Information*, n° 12, 1973, pp. 53-80; *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980, livre I.

Ciência impessoal, indivisa e im-pertinente

A ciência social é, para Bourdieu como para Durkheim, coisa eminentemente séria, grave mesmo, porque portadora de uma forte "carga" histórica. Praticá-la implica uma ética científica severa, que se define por uma tríplice recusa.

Recusa das *seduções temporais*, em primeiro lugar, na qual Bourdieu sustenta, mais solidamente do que Durkheim teria sustentado, a condenação das facilidades do profetismo intelectual e político. Segundo o teórico da anomia, a sociologia deve imperativamente "renunciar aos sucessos mundanos" e "adquirir o caráter esotérico que convém a toda ciência". Bourdieu vai mais longe: a dificuldade particular da ciência da sociedade consiste em sustentar sua autoridade proveniente do fato de que ela é uma disciplina fundamentalmente esotérica que apresenta todas as aparências de ser exotérica, em continuidade com "o vulgar"¹¹. Isto faz da sociologia dos campos de produção cultural e da difusão dos seus produtos, não um entre outros capítulos, mas um instrumento indispensável da epistemologia — e da moral — sociológica. Bourdieu afirma além disso que a análise do processo histórico pelo qual o universo científico despontou, ainda que imperfeitamente, das gravitações históricas forneceu os meios de reforçar as bases sociais do engajamento racionalista que a entrada neste universo, ao mesmo tempo, pressupôs e produziu¹².

(11) Durkheim, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*, loc. cit., p. 144; Bourdieu, Pierre. *Leçon sur la leçon*, loc. cit., p. 25.

(12) Bourdieu, Pierre. "The peculiar history of scientific reason". *Sociological Forum*, 5(2), 1991, pp. 3-36.

Se a sociologia deve evitar todo compromisso com o mundo, nem por isso deve se retirar do mundo. Bourdieu faz inteiramente sua a fórmula de Durkheim segundo a qual as pesquisas sociológicas não valeriam "nem um pouco a pena se [a sociologia] devesse possuir apenas um interesse especulativo" e permanecer "um saber de especialista reservado aos especialistas"¹³. Para ser socialmente pertinente, quanto à realidade sociopolítica de seu tempo, a ciência social deve ser *im-pertinente*, no duplo sentido de irreverência e de distância em relação aos modos de pensar e aos poderes estabelecidos. Ela deve praticar esta "crítica impiedosa de tudo aquilo que existe", à qual incitava o jovem Marx em um célebre artigo de *Rheinische Zeitung*, e em primeiro lugar de si mesma, de suas ilusões e de seus limites. Aqui, Bourdieu sai do quadro durkheimiano para defender a idéia de que a autonomia científica e o engajamento político podem se intensificar em conjunto e se apoiar mutuamente, mesmo que os intelectuais

(13) A primeira parte da citação foi extraída de Durkheim. *La division du travail social*. Paris: PUF, 1883/1930, p. XXX-XIX; a segunda, de Bourdieu. *Questions de sociologie*, loc. cit., p.7.

se apliquem pouco a instaurar as formas coletivas de organização e de intervenção suscetíveis de colocar a autoridade da razão científica a serviço do "corporativismo do universal" do qual eles são herdeiros e pelo qual são responsáveis, queiram ou não¹⁴.

Esta *recusa do encerramento no microcosmo do saber* se torna possível pelos controles cruzados que têm na comunidade científica sua base e seu lugar. Para Durkheim, a ciência, "porque ela é objetiva, é coisa essencialmente impessoal", o que implica que ela "só possa progredir graças a um trabalho coletivo"¹⁵. Bourdieu avança esta idéia argumentando que o verdadeiro sujeito de um empreendimento do saber, se é que há um, não é o indivíduo-sociólogo, mas o campo científico *in toto*, ou seja, o conjunto das relações de colisão-cumplicidade que vinculam os protagonistas em luta neste "mundo à parte" onde se engendram esses estranhos animais históricos que são as verdades históricas.

É também nesta prática coletiva que abraça uma multiplicidade de objetos, de épocas e de técnicas analíticas que se enunciam *a recusa da cisão disciplinar e a rejeição do teorismo* e da mumificação dos conceitos que favorece a "divisão forçada" do trabalho científico. Durkheim e Bourdieu desdenham igualmente a postura escolástica que conduz aqueles que a adotam — ou são adotados por ela — a este culto do "conceito pelo conceito", que periodicamente volta à moda, tanto de um lado como de outro do Atlântico, segundo um movimento pendular perturbado apenas pela aceleração da circulação internacional das idéias.

Não é sempre que se compreende esta "aversão" que tocava Durkheim "por esta dialética prolixa e formal" que atira a sociologia na órbita do céu puro das idéias. Vale a pena reproduzir *in extenso* a inequívoca condenação que ele lhe atribui nos meandros de um comentário crítico:

Eis ainda um destes livros de generalidades filosóficas sobre a natureza da sociedade, e de generalidades por meio das quais é difícil detectar uma prática bastante íntima e bastante familiar com a realidade social. Em nenhum lugar o autor dá a impressão de ter entrado em contato direto com os fatos dos quais fala [...]. Qualquer que seja o talento dialético e literário dos autores, não seria demais denunciar o escândalo de um método que fira a este ponto todos os nossos hábitos científicos e que, apesar disso, é ainda tão frequentemente empregado. Hoje, não se admite mais que se possa especular sobre a natureza da vida sem ser anteriormente iniciado na técnica biológica; por meio de qual privilégio poder-se-ia permitir ao filósofo especular sobre a sociedade sem estabelecer conexão com o detalhe dos fatos sociais¹⁶?

Esta é uma formulação que Pierre Bourdieu não renegaria de forma alguma, já que afirmou e reafirmou sua desaprovação desta "teoria teorici-

(14) Bourdieu, Pierre. The corporatism of the universal: The role of intellectuals in the modern world". *Telos*, nº 81, 1989, pp. 99-110; "Für eine Realpolitik der Vernunft". In: Müller-Rolli, S. (org.). *Das Bildungswesen der Zukunft*. Stuttgart: Ernst Klett, 1987, pp. 229-234.

(15) Durkheim, Émile. "Préface". *Année Sociologique* (1896-1897), reeditado em *Journal Sociologique*. Paris: PUF, 1969, p.36.

(16) Durkheim, Émile. *Année Sociologique* (1905-1906), reeditado em *Journal Sociologique*, p. 565.

ta", separada de toda atividade de pesquisa e impropriamente reificada em especialidade acadêmica, que tão frequentemente funciona como tapa-sexo da fraqueza científica. A teoria, como Bourdieu a concebe, é práxis e não *logos*; ela se encarna e se realiza pela operação controlada dos princípios epistêmicos da construção do objeto. Assim, ela se alimenta "menos do enfrentamento puramente teórico com outras teorias que do confronto com objetos empíricos sempre novos"¹⁷.

Os conceitos-chave que compõem o núcleo duro da sociologia de Bourdieu — *habitus*, capital, campo, espaço social, violência simbólica — são de tal modo *programas de questionamento organizado do real* que servem para balizar o terreno das pesquisas que devem ser tão mais cuidadosas e minuciosas quanto mais se espera generalizar seus achados por meio da comparação. Para o autor de *La distinction*, a teoria acabada está mais para camaleão do que para pavão: longe de atrair sobre si o olhar, ela se conforma a seu *habitat* empírico; ela toma de empréstimo as cores, os tons e as formas do objeto concreto, datado e situado, ao qual ela aparece simplesmente agarrada, quando na verdade ela o *produziu*.

(17) Bourdieu, Pierre. *Les règles de l'art*. Paris: Seuil, 1992, p. 251; "The genesis of the concepts of 'habitus' and 'field'". *Sociocriticism*, 2(2), 1985, especialmente pp. 11-12.

A história como alambique sociológico

Durkheim e Bourdieu têm em comum o fato de serem lidos correntemente como autores a-históricos, quando não anti-históricos. O "funcionalismo" do primeiro, inteiramente preocupado em teorizar o "problema hobbesiano" da ordem social (caso se acredite na exegese canônica de Talcott Parsons), seria congenitamente incapaz de integrar a mudança social e a irrupção do evento. A "teoria da reprodução" comumente atribuída ao segundo seria tão-somente uma máquina infernal de abolir a história, e a noção de *habitus*, uma camisa-de-força visando encerrar o indivíduo na repetição eterna de um presente congelado dentro de uma dominação sem saída e sem reservas. Em resumo, Bourdieu e Durkheim nos condenariam a ficar desarmados diante da historicidade. Sob um olhar mais atento, nada está mais longe tanto da intenção como do conteúdo do seu pensamento¹⁸.

Émile Durkheim é um sociólogo eminentemente histórico, na medida em que todas as suas investigações se inscrevem em um projeto de atualidade, que é o de contribuir, pela análise científica, para resolver a crise, diagnosticada como "moral", que sacode, sob seus olhos, as sociedades européias desde suas profundezas. A questão teórica que o persegue não é a de elaborar uma concepção de ordem social *in abstracto*, mas a de identificar as condições e os mecanismos mutáveis da solidariedade na era da modernidade industrial e de auxiliar assim a eclosão da moral de acordo com as novas relações sociais. A sociologia durkheimiana é igualmente histórica, na medida em que se propõe a perceber as instituições no movimento de seu devir e, portanto, onde seu desenvolvimento harmonioso requer uma colaboração ativa e refletida com a historiografia.

(18) Encontra-se uma excelente discussão da relação de Durkheim com a história e a historiografia em Bellah, R. N. "Durkheim and history". *American Sociological Review*, 24(4), 1958, pp. 447-461. Para um inventário parcial das concepções de Bourdieu sobre a história, a mudança e o tempo, ver: Bourdieu, Pierre e Wacquant, Loïc. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992, pp. 79-81, 101, 132-140; Bourdieu, Pierre. *Le sens pratique*, loc. cit., cap. 6; *Choses dites*, loc. cit., pp. 56-61; *Raisons pratiques*, loc. cit., pp. 76-80 e 169-174; Bourdieu, Pierre, Chartier, R. e Darnton, R. "Dialogues à propos de l'histoire culturelle". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 59, 1985, pp. 86-93; "Sur le rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 106-107, 1995, pp. 108-122.

Para Durkheim, a história pode e deve desempenhar, "na ordem das realidades sociais, um papel análogo ao do microscópio na ordem das realidades físicas"¹⁹. Ela captura nas suas malhas as expressões particulares das leis e tipos sociais que a sociologia diferencia. E apenas o "método genético", que compara as diversas encarnações de uma dada instituição, permite "seguir seu desenvolvimento integral através de todas as espécies sociais", distinguir as *causas eficientes* que a suscitaram das *funções* sociais que ela desempenha na sincronia, e, por consequência, estabelecer seu caráter normal (ou patológico). "Não há, que eu conheça, uma sociologia que mereça este nome que não possua um caráter histórico", proclama Durkheim por ocasião de um debate com Charles Seignobos. E ele se diz "convencido" de que sociologia e história "estão destinadas a se tornar cada vez mais íntimas e que chegará o dia em que o espírito histórico e o espírito sociológico se diferenciarão apenas por nuances"²⁰.

Se a sociologia de Durkheim, criteriosamente interpretada, deve ser considerada histórica pela sua feitura e pelo seu método, a de Bourdieu merece o qualificativo de *historicista*²¹. Não é exagero considerar que, para este, o social não é senão história — já feita, fazendo-se ou por fazer. A ponto de se poder descrever seu projeto, que a contragosto alguns qualificariam de filosófico, mas, antes de mais nada, pouco importa o rótulo, como uma *historicização do projeto transcendental da filosofia* (sob este ângulo, Bourdieu seria uma espécie de anti-Heidegger, já que se afirma que este teria a ambição de ontologizar a história)²².

Aqui, também, Bourdieu se apóia nas posições durkheimianas para melhor ultrapassá-las, especialmente trazendo a dimensão histórica para o terreno da ontologia e da epistemologia sociais. Ele recusa em primeiro lugar a distinção sobre a qual o diretor do *Année Sociologique* pretendia fundar a possibilidade de uma "verdadeira ciência histórica", entre os "eventos históricos" e as "funções sociais permanentes", e as antinomias artificiais que a sustentam, entre abordagem nomotética e ideográfica, conjuntura e longa duração, o único e o universal. E clama a operar uma ciência do homem verdadeiramente unificada, "em que a história seria uma sociologia histórica do passado e a sociologia uma história social do presente"²³, a partir do postulado de que a ação, a estrutura e o conhecimento sociais são igualmente frutos do trabalho histórico.

Uma ciência como esta deve, para cumprir plenamente uma missão desta ordem, proceder a uma *tripla historicização*. Historicização do *agente*, para começar, pela desmontagem do sistema socialmente constituído de esquemas incorporados de julgamento e de ação (*habitus*) que comanda suas condutas e orienta suas estratégias. Historicização dos *mundos sociais* (campos) diversos nos quais os indivíduos socializados investem seus desejos e suas energias e renunciam neste curso sem fim ao reconhecimento do que é a existência social. Pois, segundo Bourdieu, a prática não decorre mais somente das intenções subjetivas do agente, já que estas não resultam diretamente dos constrangimentos objetivos da estrutura. Ela emerge nas turbulências da sua confluência, do "encontro mais ou

(19) Durkheim, Émile. "Sociologie et sciences sociales" (1909). In: *La science sociale et l'action*. Paris: PUF, 1970, p. 154.

(20) Durkheim, Émile. "Préface", *Année Sociologique* (1897-1898), reeditado em *Journal Sociologique*, p. 139; *Les règles de la méthode sociologique*, loc. cit., pp. 137-138; "Débat sur l'explication en histoire et sociologie" (1908). In: *Textes*. Paris: Minuit, 1968, vol. 1, p. 199; *La science sociale et l'action*, loc. cit., p. 157, respectivamente.

(21) Assim como Philip Abrams havia sugerido corretamente em *Historical sociology*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

(22) Bourdieu, Pierre. *L'ontologie politique de Martin Heidegger*. Paris: Minuit, 1988; "Les sciences sociales et la philosophie". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 47-48, 1983, p. 45-52; *Raisons pratiques*, loc. cit.

(23) Durkheim, Émile. "Débat sur l'explication en histoire et en sociologie", loc. cit., pp. 212-213; Bourdieu, Pierre. "Sur les rapports entre la sociologie et l'histoire en Allemagne et en France", loc. cit., p. 111.

menos 'bem sucedido' entre posições e disposições"; ela nasce da relação obscura de "proximidade ontológica" que se tece entre dois modos de existência social que são o *habitus* e o campo, "a história objetivada nas coisas" e a "história encarnada nos corpos"²⁴.

Uma vez elucidadas as relações subterrâneas entre a história incorporada e a história reificada, resta enfim operar a historicização do *sujeito que conhece e dos instrumentos de conhecimento* por meio dos quais ele constrói seu objeto, como também do universo no qual se produz e circula o saber considerado (no que Bourdieu está infinitamente mais próximo de Foucault do que de Lévi-Strauss). Para resumir:

*Caso se esteja convencido de que o ser é história, de que nada há além e de que se deve assim exigir da história biológica (com a teoria da evolução) e sociológica (com a análise da sociogênese coletiva e individual das formas de pensamento) a verdade de uma razão de qualquer modo histórica e entretanto irreduzível à história, é preciso admitir também que é pela historicização (e não pela des-historicização decisória de um certo escapismo teórico) que se pode buscar separar mais completamente a razão da historicidade*²⁵.

Uma tal sociologia, simultânea e *inseparavelmente estrutural e genética*, pode se propor a explicar (e não somente descrever) o aparecimento imprevisto da crise, o surgimento inovador do "gênio", o desenvolvimento da ação transformadora que faz as grandes revoluções sociais e simbólicas pelas quais a história redesenha bruscamente seu curso. Assim, "é historicizando-o completamente que se pode compreender como [Flaubert] se separa da historicidade estrita dos destinos menos heróicos"; a originalidade de seu empreendimento não se destaca completamente se não "se o reinsere dentro do espaço historicamente constituído no interior do qual ele se construiu"²⁶.

Esta sociologia historicizante pode igualmente pretender trazer à luz do dia, e deste modo melhor sufocar, os determinismos históricos aos quais, como toda prática histórica, está necessariamente submetida. Ali onde Durkheim demandava a história que *nutrisse* a sociologia, Bourdieu espera dela que se *libere* do inconsciente histórico, científico e também social das gerações passadas que pesa fortemente sobre o cérebro do pesquisador. O que é instituído pela história só pode ser restituído por ela; portanto, só a sociologia histórica oferece ao sociólogo, agente histórico e produtor de saber, "os instrumentos de uma verdadeira tomada de consciência ou, melhor, de um verdadeiro *domínio de si*". O pensamento livre, sustenta Bourdieu, tem este preço: não pode "ser conquistado senão por uma anamnese histórica capaz de desvelar tudo o que, no pensamento, é o produto esquecido do trabalho histórico"²⁷.

(24) Bourdieu, Pierre. "Men and machines". In: Knorr-Cetina e Cicourel, A. (orgs.). *Advances in social theory and methodology*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1981, p. 313; *La noblesse d'État*. Paris: Minuit, 1989, p. 59; *Leçon sur la leçon*, loc. cit., p. 38, respectivamente.

(25) Bourdieu, Pierre. *Les règles de l'art*, loc. cit., pp. 427-428.

(26) *Ibidem*, p. 145.

(27) Bourdieu, Pierre. "Le mort saisi le vif. Les relations entre l'histoire incorporée et l'histoire réifiée". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 32-33, 1980, p. 14; *Les règles de l'art*, loc. cit., p. 429.

As "experimentações indiretas" da etnologia

Outro procedimento metodológico igualmente utilizado por Durkheim e Bourdieu, no qual tipicamente se destina à etnologia um papel de destaque: a pesquisa do *experimentum crucis*, do fenômeno-teste ou do quebra-cabeça-chave que permitirá tanto reformular (e portanto resolver) em termos históricos e empíricos as grandes interrogações legadas pela filosofia, quanto efetuar uma demonstração a *fortiori*, apoiada sobre o caso da imagem menos favoravelmente concebida de modo a induzir a adesão do leitor mais recalcitrante ao modelo ou ao modo de raciocínio avançado.

É assim que depois de sua tese ter sido acusada de pedra da moral, suposição insustentável para o estudo positivo, Durkheim escolheu como objeto de "estudo da sociologia" o suicídio. Esta caminhada na borda do abismo interior em cuja saída o indivíduo *acaba*, por meio de um percurso íntimo inacessível ao olhar "de fora", por se privar deste bem mais precioso entre todos que é sua vida, "seria de competência apenas da psicologia". Demonstrar que um tal "ato individual que só afeta o próprio indivíduo" — e que põe em termos concretos, mensuráveis, dois dos enigmas perenes da filosofia, o da morte e o da vontade — é o resultante de forças sociais "de uma grande generalidade" é demonstrar ao mesmo tempo que o suicídio é conduta que se constitui como "o prolongamento de um estado social" e que a explicação sociológica pode, sem dano, deixar de lado "o indivíduo enquanto indivíduo, seus móveis e suas idéias"²⁸.

O "suicídio" de Bourdieu é a disposição estética, é o "amor pela arte" que vive como "liberado das condições e dos condicionamentos" e que define em si a cultura burguesa ou, mais generalizadamente, o gosto, expressão mais comum que a outra de *habitus*²⁹. Aí ainda haveria algo de mais pessoal, de mais inefável, de mais in-determinado que esta capacidade de discernimento que, para tomar de empréstimo a linguagem de Kant, aspira à "validade universal", na medida que ela surge desta reação privada em relação aos objetos do mundo que é o prazer dos sentidos e que parece por natureza excluir toda "decisão por demonstração"? *La distinction* abriga um vasto quadro etnológico dos estilos de vida e das propensões culturais das classes sociais a fim de estabelecer a homologia estrutural que vincula, por intermédio do espaço das disposições, o espaço das posições e o espaço das tomadas de posição em domínios tão variados quanto a alimentação e a música, a cosmética e a política, o mobiliário e o amor conjugal. Ali onde se afirma o gosto, longe de estar a assinatura inimitável de uma individualidade livre, está a forma por excelência da submissão ao destino social. Ora, se coisas à primeira vista tão insignificantes como a maneira de tomar café e o modo de limpar a boca à mesa, a leitura de um jornal e o tipo de esporte preferido funcionam nesta medida como marcas distintivas, sinais exteriores de riqueza (interior), capitais (culturais), quais práticas aspirariam escapar desta luta de classificação que é a face oculta da luta de classes?

(28) Durkheim, Émile, *Le suicide*, loc. cit., pp. 8, 33 e 148.

(29) Bourdieu, Pierre. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979; Bourdieu, Pierre, Darbel, A. e Schinapper, D. *L'amour de l'art*. Paris: Minuit, 1966.

Como Durkheim em um momento anterior, Bourdieu prefere sustentar seus esquemas teóricos em meio a comparações binárias, entre sociedades ditas "tradicionais" ou "pré-capitalistas" e formações sociais "altamente diferenciadas" (uma designação furiosamente durkheimiana), em que o *recurso à etnologia serve como técnica de quase-experimentação sociológica*³⁰. Sabe-se que Durkheim elegeu o sistema totêmico australiano como suporte empírico de sua investigação sobre os fundamentos coletivos da crença religiosa e, por meio desta, da origem social dos quadros do entendimento humano, porque via aí "a religião mais primitiva e a mais simples", por isso mesmo a mais apta a "nos revelar um aspecto essencial e permanente da humanidade". De acordo com ele, a própria "rudeza" das religiões ditas inferiores as tornava "experiências cômodas em que os fatos e suas relações são mais fáceis de perceber"³¹.

A sociedade kabyle, que ele estudou como etno-sociólogo no auge da guerra de libertação nacional argelina, e, em menor escala (ou de modo menos visível, por pudor que se supõe concomitantemente profissional e pessoal), as aldeias de Béarn de sua infância são para Bourdieu o que os clãs totêmicos do interior da Austrália foram para Durkheim: uma espécie de "material de pesquisa estratégica" (como diria Robert Merton) suscetível de fazer aparecer em estado "depurado", como através de um filtro, mecanismos que seriam extremamente difíceis — ou extremamente penosos — de focalizar em um ambiente social mais familiar. Para Bourdieu, o exame das práticas e das relações simbólicas em sociedades fracamente diferenciadas é o meio de operar uma radicalização da intenção socioanalítica, isto é, de proceder à descoberta do inconsciente social aninhado nas dobras do corpo, as categorias cognitivas e as instituições aparentemente mais anódinas.

Esta função radicalizante da etnologia não pode ser claramente percebida senão na análise a que Bourdieu submete "A dominação masculina", ao longo de um texto central que contém, em filigranas, o essencial de sua teoria da violência simbólica, como uma ilustração paradigmática do uso da distinção ao qual ele submete o método comparativo³². As práticas mítico-rituais kabyle são suficientemente distantes para que seu deciframento autorize uma objetivação rigorosa e suficientemente próximas para facilitar esta "objetivação participante" que é a única que pode desencadear a volta do recalcado de que todos nós somos depositários enquanto seres sexuados. Como prova dessas homologias — que não se inventam — entre as categorias mais puras do pensamento filosófico e psicanalítico (as de Kant, Sartre e Lacan) e os pares de oposições que organizam os gestos rituais estão a poesia e a tradição oral dos montanheses berberófonos. "A etnologia favorece a surpresa diante daquilo que passa completamente despercebido, isto é, o mais profundo e o mais profundamente inconsciente de nossa experiência comum"³³. Nisto, ela não é um auxiliar, mas um ingrediente indispensável do método sociológico. A guinada etnológica de Bourdieu não é, a bem dizer, uma guinada, mas um *desvio* capaz de nos abrir um acesso ao impensado social que forma a base invisível de nossas maneiras de fazer e de ser.

(30) Bourdieu afirma ter concebido suas pesquisas comparativas sobre os usos matrimoniais dos camponeses kabyle e de Béarn (provincia francesa) como "uma espécie de experimentação epistemológica" (*Choses dites*, loc. cit., p. 75). Ver, ainda, Bourdieu, Pierre. "La société traditionnelle: attitude à l'égard du temps et conduite économique". *Sociologie du Travail*, 5(1), 1983, pp. 24-44; "Les relations entre les sexes dans la société paysanne". *Les Temps Modernes*, nº 195, 1962, pp. 307-331. Sobre os usos durkheimianos da etnologia, ver: Karady, V. "French ethnology and the durkheimian breakthrough". *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, 12(3), 1981, pp. 166-176.

(31) Durkheim, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1912/1960, pp. 2 e 11.

(32) Bourdieu, Pierre. "La domination masculine". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 84, 1990, pp. 2-31. Pode-se ler com a mesma intenção um lindo artigo: "Reproduction interdite. La dimension symbolique de la domination économique". *Études Rurales*, nº 113-114, 1989, pp. 15-36.

(33) Bourdieu, Pierre. "Division du travail, rapports sociaux de sexe et de pouvoir". *Cahiers du GEDIST*, nº 11, 1994, p. 94. A "etnologização" metodológica do universo familiar pode exercer um efeito similar, cf. Prefácio da edição inglesa de *Homo academicus*. Cambridge: Polity Press, 1988.

Recebido para publicação em 6 de maio de 1997.

Loïc J. D. Wacquant é professor da Universidade da Califórnia, Berkeley. Já publicou nesta revista "Proscritos da cidade" (nº 43).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 48, julho 1997
pp. 29-38
